

CRÍTICA LITERÁRIA

Conceição Lima – O Útero da Casa

Por Ricardo Riso

Graduando em Letras – Universidade Estácio de Sá

E-mail: risoatellie@gmail.com



Desde a década de 1980 que Maria da Conceição Costa de Deus Lima, ou simplesmente Conceição Lima, produz poesia, porém, apenas em 2004 publicou seu primeiro livro, “O útero da casa”, pela editora portuguesa Caminho. Neste, selecionou alguns poemas do passado e uniu vários inéditos, segundo a crítica literária Inocência Mata (p. 11).

Nascida em 1962, na Ilha de São Tomé e Príncipe, Conceição Lima estudou jornalismo e atualmente reside em Londres. Apesar de distante de sua terra, tornou-se uma voz digna da literatura de seu país, equiparando-se a importantes nomes são-tomenses, tais como Caetano da Costa Alegre, Francisco José Tenreiro e Alda Espírito Santo.

Com uma produção poética desenvolvida no pós-independência, o sujeito lírico transparece um olhar corrosivo sobre os acontecimentos históricos do passado e do momento atual da nação liberta, ressentida pela irrealização dos sonhos e promessas descumpridas após quase trinta anos:

Quero-me desperta
se ao útero da casa retorno
para tactear a diurna penumbra
das paredes
na pele dos dedos reviver a maciez
dos dias subterrâneos
os momentos idos (p. 17)

Conceição Lima alia memória e lirismo com intenso conteúdo crítico para criar alegorias inquietantes em seus poemas. Em “Mátria”, a casa é a metáfora do país, o lugar matricial. Ao revelar imagens encobertas pelo colonialismo, o sujeito enunciator busca despertar o útero-nação, estendendo-se à metapoética, sendo o poema a casa de reflexão crítica do outrora.

Consciente da dificuldade em recriar o profundo dilaceramento histórico das ilhas, os dois primeiros poemas, “Mátria” e “A casa”, procuram “um sentido protector, de um lugar *matricial* em que assenta a busca da utopia e do sonho” (p. 12). Em ambos, inferimos os dissabores da incompletude, do desencanto, dos fragmentos do que foi idealizado:

Sobre os escombros da cidade morta
projectei a minha casa
recortada contra o mar.
Aqui.
Sonho ainda o pilar –
uma rectidão de torre, de altar.
Ouço murmúrios de barcos
na varanda azul.
E reinvento em cada rosto fio
a fio
as linhas inacabadas do projecto. (p. 20)

Entretanto, sinestesticamente, o sujeito lírico em posição de vigília não se conforma com os rumos da História e busca caminhos para reescrevê-la no poema:

Em Santana
É a limpidez do mar que esconjura
O hálito das palmeiras mortas

Mora no cantar dos búzios um som de vigília
E na veemência das ondas
A indelével lembrança dos deuses
Desterrados

Em Santana, noite e dia
A praia é um corpo erguido que se amotina. (p. 45)

O arquipélago de São Tomé e Príncipe é vítima de cruéis atrocidades desde o início da colonização portuguesa, no século XV. O passado de injustiças é relembrando em poemas que denunciam o massacre na localidade de Fernão Dias em 1953, “Mostra-me o sangue da lua”, e em citação a um herói do século XVI, Amador, que liderou uma revolta de escravos e se tornou símbolo nacional. Deste herói, o sujeito lírico recorre à memória guerreira para demonstrar o descontentamento com a época atual:

De novo imprevistas
Subirão as marés
Para lavar dos caminhos
As folhas mortas
E os passos perdidos. (p. 26)

Severo com a história política do país, o sujeito lírico condena os desvios atingidos e questiona as vidas que se foram, infelizmente, em vão, no poema “Os heróis”:

Na raiz da praça
sob o mastro
ossos visíveis, severos, palpitam.
Pássaros em pânico derrubam trombetas
recuam em silêncio as estátuas
para paisagens longínquas.
Os mortos que morreram sem perguntas
regressam devagar de olhos abertos
indagando por suas asas crucificadas. (p. 23)

Um eu coletivo de forte apelo crítico faz lembrar os mortos e, perplexo, questiona se as lutas do outrora mereciam a realidade atual:

Perguntam os mortos

Porque brotam raízes dos nossos pés?

Porque teimam em sangrar

Em nossas unhas

As pétalas dos cacauzeiros?

Que reino foi esse que plantamos? (p. 30)

A poesia de Conceição Lima é visceral com as críticas ao seu país, seus versos são corrosivos diante da distopia, amargos perante o desencanto :

Apaguem os canaviais, os cacauzeiros, os cafezais

Rasurem as roças e a usura de seus inventores

Extirpem a paisagem da verde dor de sua íris

E eu vos darei uma narrativa obliterada

Uma esparsa nomenclatura sedenta de heróis (p. 31)

Outros temas ligados à cultura são-tomense são abordados como o hibridismo cultural da ilha motivado pelos contratados, oriundos de diversas partes da África: “Quero contemplar, morto e inteiro, meu / legado involuntário de africano em África desterrado” (p. 37); e as ranhuras do triste passado colonial português: “Deixaram nas ilhas um legado / de híbridas palavras e téticas plantações” (p. 39).

Conceição Lima propõe um belo diálogo com Alda do Espírito Santo, de quem herdou o olhar atento ao país, porém, com visão diferenciada. Enquanto Alda do Espírito Santo tinha uma poesia identitária e telúrica, comprometida com a esperança, carregada com a certeza do sonho de uma nação independente, em Conceição Lima percebe-se, como vimos nos poemas anteriores, a impossibilidade em expor o tom esperançoso, pois seu tempo é o da fadiga com o presente e o da incerteza com o futuro. Por isso, recorre à voz lírica do passado são-tomense para renovar seus ideais e a capacidade de sonhar uma nova festa:

Mas sobre a pedra e o fogo
Tua voz de imbondeiro crescerá do barro
Para resgatar a praça em nova festa
Para ressuscitar o povo e sua gesta. (p. 51)

A uterina viagem à memória proposta pelos poemas -casa de Conceição Lima, reinventa um país corroído, fraturado nas suas realizações, sendo pertinente o estado permanente de vigília do sujeito lírico, que refaz a História e investiga o momento atual encerrando o comovente livro de estréia da poetisa:

Quando à casa regressar
A pátria sombra fugitiva
Da trouxa dos dias guardarei ainda
O murmúrio das preces e a vigília
A obstinada memória das águas eternas. (p. 59)